

## AS CRIANÇAS NA CIDADE: A CONSTRUÇÃO SOCIAL DA INFÂNCIA NO CENÁRIO URBANO PELAS/NAS PRÁTICAS DO FUTEBOL

Júlio César Mendes Fontes

### RESUMO

Este estudo pretende compreender num diálogo entre infância e futebol pelas contribuições da Antropologia, como os sujeitos, as crianças, nas relações de (re)produção da prática deste esporte constituem/constroem aprendizagens sobre as identidades sociais realizadas no contexto do cenário urbano.

Palavra-Chave: Infância, futebol, identidade social.

### ABSTRAT

This study aspire understand in dialogue infancy e soccer, in contribution of the Anthropology, how the children relationships in produce and reproduce this sport pratice constitute learning about the identities socials make in urban context.

Key-words: Infancy, soccer, identity social.

### RESUMEN

Este trabajo pretende comprender em dialogo entre infancia y fútbol pelas contribuciones del Antropologia, como los sujetos, las ninas e los ninos, em relaciones producidas y re-producidas de este desporte constituen/constroen aprendizaje sobre las identidad sociales hechas em contexto de lo escenario urbano.

Palabras-clave: Infancia, fútbol, identidad social.

### Introdução.

Este estudo emerge dos desdobramentos de pesquisas que participei ao longo da minha graduação em Educação Física. No diálogo entre infância e futebol, compreendidas duas dimensões tão complexas, entender como as crianças movimentam, através de processos de escolhas, interesses, valores, apropriações, usos, participações, construções das representatividades e identidades na formação humana pelas relações na cultura do futebol requer ir além do que o jogo oficial propicia. E assim, problematizar esta dimensão da vida, nas suas pluralidades e inquietudes, no mergulho das práticas deste esporte no propósito de entender como estes sujeitos constroem/constituem suas aprendizagens sobre determinadas identidades nas dinâmicas das práticas do futebol.

O futebol, engendrado no Brasil no final do século XIX, oriundo da Inglaterra encontrou no contexto brasileiro um ambiente amplo para as suas manifestações. Ao longo do processo histórico, desde a sua chegada até os dias atuais, este esporte passou por intensos processos de apropriação e popularização na sociedade brasileira que o tornou esporte mais discutido, comentado e praticado em nosso país. Nas argumentações de Daolio (2000) sobre as contradições do futebol brasileiro, o autor retrata a popularização que sofreu através de explicações biológicas (aspectos genéticos) e funcionalistas (facilidade da prática.). No entanto, refuta tais alegações dizendo que estas situações não garantiriam a popularidade do futebol na cultura brasileira.

Para Damatta (1994), este esporte no reunir articulações, produções, visões, usos e manejos na sua invejável *multivocalidade*, permite entendê-lo e vivê-lo de diferentes perspectivas, ou seja, “orquestra componentes cívicos básicos, identidades sociais importantes, valores culturais profundos e gostos individuais singulares” (p. 12). E, apresenta-se como: jogo e esporte, ritual ou espetáculo, instrumento de disciplinas das massas e evento prazeroso, festa, prática educativa, de lazer, profissional, e política. Instrumento pelo qual possibilita a uma sociedade expressar suas mais variadas formas de manifestações nos entremeios de práticas coletivas e individuais<sup>1</sup>.

Nas relações estabelecidas/produzidas pelas práticas do futebol, além de trazer repercussões nos cenários sociais e culturais, altera o cotidiano dos espaços públicos e dos sujeitos envolvidos. Alguns estudos<sup>2</sup> tratam desta problemática na apropriação, (re)produção e na construção das identidades pelo contexto urbano e a relação da cena urbana na influência destes aspectos no processo de formação dos atores sociais nas realizações futebolísticas.

Silva e Chaveiro (2007) na análise sobre os espaços dos territórios das peladas<sup>3</sup>, os sujeitos pela/na produção espontânea do futebol, configuram e demarcam territórios que, como relações sociais estabelecidas e projetadas no espaço, expressam uma determinada territorialidade. Isto é, coleção de práticas materiais e simbólicas que permitem aos atores sociais se apropriarem e/ou se manterem em um território. Na constituição destes espaços pelos sujeitos no contexto urbano, a produção do futebol na cidade se desenrola pelas apropriações, sociabilidades e aprendizagens por diversos usos e significados. Joga-se para ganhar, pelo jogo, para estar em forma, manter laços de sociabilidades/identidades. No entanto, as relações de poder, conflitos, os valores e as normas dominantes/hegemônicas, os momentos de competição e rivalidades estão presentes nos meandros desta prática<sup>4</sup>.

E os sujeitos? Quem são? Quais são os acessos para a prática? Como vivem e elaboram suas experiências no/do futebol no contexto da cidade? Como se constituem/constroem as identidades coletivas e individuais? Quais os cenários da vida urbana utilizam para realizar tal atividade? Nestes questionamentos propostos torna-se necessário, então, o entendimento sobre a infância, os sujeitos que dela se situam e a relação que as crianças estabelecem com a vida urbana para as aprendizagens das identidades que se inserem nas práticas futebolísticas.

Nas dimensões da Infância.

Antes do século XVIII, a infância não se constituía pelos/nos sujeitos socioculturais, as crianças, com especificidade própria. Eram tratadas e representadas como adultos em miniatura, ou seja, realizavam as mesmas atividades cotidianas dos adultos em meio a eles, que as obrigavam a abreviar as singularidades da infância para assumir o papel efetivo perante a sociedade que as compunham (ALMEIDA, 2006).

<sup>1</sup> Daolio (2000).

<sup>2</sup> Ver Damo (2005), Faria e Fontes (2008) Silva e Chaveiro (2007) Matos (2007) entre outros.

<sup>3</sup> Pelada é a reconstrução dos jogos oficiais realizadas com regras diferenciadas pelos atores que realizam determinadas práticas esportivas (SILVA e CHAVEIRO, 2007).

<sup>4</sup> Segundo Faria e Fontes (2008) no diálogo entre juventude, cidade e esporte, as vivências cotidianas do futebol dos jovens são espaços de ação cultural. “ Nas relações cotidianas, esses jovens participam das tramas de produção do futebol (re)criando a cidade, numa relação de reciprocidade: produz-se o futebol no cotidiano da cidade; produz a cidade cotidianamente a partir do futebol” (p. 155). E que, tais práticas juvenis de futebol alteram a dinâmica da cidade ganhando contornos diferentes os espaços urbanos. Os autores comentam que em oposição aos bairros mais centrais de uma cidade é na periferia, que o futebol é mais intenso, que nas suas práticas as redes de sociabilidades se constituem com maior relevância.

Assim, imbricadas numa relação de dominação adulto-cêntrica, estes sujeitos eram vistos a margem, incompreendidos e deixados de lado como seres sociais em todas as suas dimensões humanas. Eram reduzidos da capacidade de expressão, redimidos num universo pobre e marcado pelo controle absoluto do adulto nas inúmeras ações/produções realizadas pelas crianças.

Contrastando a lógica que representa a infância como período que antecipa um vir-a-ser. Debortoli (2002) ao indagar quem são crianças que brincam com os adultos, redimensiona a interpretação da criança não como um ser/tempo idealizado, que anteceda a vida adulta, imaturo, frágil, puro, manipulável, irresponsável e irracional. Mas como, um ser que produz cultura, tem conhecimentos, tem competências, participa da construção do mundo, brinca, joga, dança, inventa e combina regras, aprende as tradições, “tem desejos, pensa e se constrói historicamente no interior de uma cultura específica”<sup>5</sup>. Cultura esta relacionada com a “capacidade das crianças em construir de forma sistematizada modos de significação do mundo e de ação intencional que são distintos dos modos adultos de significação e ação.” E ainda, estes atores “numa relação de interdependência com culturas societais atravessadas por relação de classe, de gênero, etnia que impedem a fixação num sistema coerente único dos modos de significação e de ação infantil” (SARMENTO, 2003, p.54).

Neste sentido, de organização do significado da experiência, da compreensão e transformação dos sentidos/significados da realidade que dimensionam as múltiplas vivências da infância, das aprendizagens realizadas nas ações coletivas e individuais, o espaço urbano adquire importância na construção e na (re) produção das práticas cotidianas sociais. As infâncias vão e são constituídas nestas espacialidades através das relações educativas, de consumo, de trabalho, de lazer, de poder, de classe, de gênero, étnicas e de práticas corporais e esportivas. Considerando este espaço nas dimensões da cidade, as crianças apropriam, aprendem, usam e utilizam de inúmeras táticas para lidar com um universo permeado pelas relações humanas.

Nas reflexões de Debortoli et al. (2008) sobre a construção social da infância, formas desse processo se diferenciavam nas realidades do cenário urbano. No contexto de classe média evidenciava-se a fragmentação da vida cotidiana na relação com as práticas culturais, havia dificuldade na percepção da transitoriedade das crianças na apropriação espontâneas dos espaços fora de horários predeterminados. A lógica se invertia no outro contexto de classe baixa, os atores daquele espaço eram observados freqüentemente no ir e vir da apropriação do urbano, neste caso a rua, passava de local de passagem para lugar de jogos, brincadeiras e do encontro. As crianças deste contexto observado criavam, recriavam, usavam e abusavam das dimensões geográficas que lhes eram possíveis na (re)produção das práticas culturais, especialmente nas dinâmicas do brincar.

No tratar da rua como sedução e perigo, Gomes e Gouvea (2008) em suas argumentações a destaca como lócus do exercício de inúmeras (re) produções das práticas culturais. Nos quais permite às crianças a subversão da ordem adulta, a ultrapassagem do limite do privado ao público, a experimentação de uma “homogeneização geracional” e a diminuição das relações de poder muito presentes no espaço doméstico. E, na interação entre os pares, a rua adquire para as crianças um sentido expressivo tomado como campo de ações e práticas de jogos e brincadeiras. Neste lugar, o encontro e a ampliação do número de participantes para estas atividades possibilitam o exercício de dominação, autoridade e transgressão, na “vivência de

---

<sup>5</sup> Debortoli (2002, p. 80)

conflitos, atos de solidariedade, amizade e rompimento, numa dramaticidade que teatraliza o que observa no mundo adulto”<sup>6</sup>. Exercendo com mais intensidade “a sociabilidade infantil, que tem na atividade do brincar sua expressão no interior do grupo de pares”<sup>7</sup> ( GOMES E GOUVEIA, 2008, p.55).

Portanto, o futebol no orquestrar identidades sociais importantes se releva por produzir-se no espaço urbano “jogos” oficiais e amadores. Ou seja, ele mobiliza dos sujeitos envolvidos estratégias para usar/utilizar desta prática esportiva na apropriação, na socialização e no aprendizado dos sentidos e significados que entremeia os sujeitos nas dinâmicas deste esporte. Deste modo, pretendo compreender através do exercício das práticas cotidianas do futebol realizadas no cenário urbano como as crianças nas relações desta prática social constituem/constroem suas (as) aprendizagens sobre determinadas identidades sociais.

### Metodologia

Como método de pesquisa, este estudo utiliza a etnografia. Esta metodologia propõe o contato cotidiano com os sujeitos, no intuito de “aprender a vida, tal qual ela é quotidianamente conduzida, simbolizada e interpretada pelos atores sociais nos seus contextos de ação”<sup>8</sup>. Neste propósito os instrumentos desta abordagem metodológica utilizados serão as observações, entrevistas que se inserem neste contexto da pesquisa. Sugere também uma orientação do olhar investigativo para “símbolos, interpretações, crenças e valores que integram a vertente cultural (ou, dado que a cultura não existe no vazio social, talvez seja mais apropriado dizer vertente sociocultural) das dinâmicas da ação”<sup>9</sup> que ocorrem nos contextos das práticas culturais.

No trato de pesquisas que envolvam crianças na perspectiva antropológica devem-se levar em consideração a compreensão de suas vidas, seus relacionamentos, vivências, as identidades, seus saberes, aprendizagens, seus afetos, sua cultura, e também, a influência que as práticas esportivas possuem para os atores envolvidos. Com isso, busca-se dentro desta perspectiva: levar a sério as crianças como agentes sociais por si mesmas; entender como as construções sociais da infância estruturam suas vidas, mas também são estruturadas pelas atividades que estes sujeitos produzem e, explicar as competências sociais que as crianças manifestam-se no cotidiano das relações com os pares e outros atores sociais. (PINHEIRO, 2001)

Estabelecer os contornos da cena urbana para as observações da pesquisa é fundamental para o andamento da mesma, pois delimitada o espaço e os sujeitos a serem observados e analisados posteriormente. Neste sentido, o local de investigação é um bairro na região Noroeste da cidade de Belo Horizonte - MG. Neste espaço há uma praça, com uma quadra e um campo que a circunda, reformados com recursos do Orçamento Participativo – PBH, e ruas em que as práticas do futebol realizadas pelos diferentes atores são intensas e que se realizam nos inúmeros dias da semana. Ressaltar que o foco de atenção são as crianças, os meninos e as meninas. No entanto, as

---

<sup>6</sup> Gomes e Gouveia (2008 p.55).

<sup>7</sup> Grupo de pares ou cultura de pares são “ um conjunto estável de atividades, ou seja, rotinas, artefatos, valores e idéias que as crianças, produzem e partilham em interação com seus pares”. E que também, “permite às crianças, apropriar, reinventar e reproduzir o mundo que as rodeia, numa relação de convivência que permite exorcizar medos, construir fantasias e representar cenas do cotidiano”. (SARMENTO, 2003 p.61)

<sup>8</sup> Sarmiento (2003a) p. 152

<sup>9</sup> Sarmiento (2003a) p. 153.

aprendizagens, as sociabilidades e as habilidades são proporcionadas nas interações entre os diversos sujeitos de idades e características múltiplas.

Apropriando-se das reflexões de Magnani (1996), a realização da etnografia no contexto da cidade é compreender mergulhar num duplo movimento de pensar no particular para posteriormente emergir e estabelecer comparações com outras experiências e estilos de vida marcados por processos que ultrapassam os níveis locais e nacional no âmbito das instituições urbanas. Assim, dentre outras coisas, o autor nos mostra que a pesquisa antropológica depende de fatores como a biografia do pesquisador, da interação com as opções teóricas, do contexto sócio-histórico-cultural pesquisado e, também, das imprevisíveis situações que se configuram no local da pesquisa, entre pesquisador-contexto-pesquisados.

#### Referências:

- ALMEIDA, D. Sobre brinquedos e infância: aspectos da experiência e da cultura do brincar. *Educação e Sociedade*, Campinas, Vol.27, n.95, p.541-551, maio/ago 2006.
- DAMATTA, R. Antropologia do Obvio. *Revista USP*. São Paulo, n.22, p. 10-17, jun/jul/ago, 1994.
- DAMO, A. S. Do dom à profissão: uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França. Porto Alegre: Instituto de Filosofia e Ciências Humanas/UFRGS, 2005. (Tese, Doutorado)
- DAOLIO, J. As contradições do futebol brasileiro. In: CARRANO, P. C. R. *Futebol: paixão e política*. Rio de Janeiro, DP& A, 2000, p. 79-93.
- DEBORTOLI, J. A et al As experiências de infância na metrópole. In: DEBORTOLI, J. A., MARTINS, S.; MARTINS, M. F. A (orgs). *Infâncias na metrópole*. Belo Horizonte: Ed. UFMG. 2008. 205 p. p 18-46
- DEBORTOLI, J. A. Múltiplas linguagens: as crianças e a brincadeira. In: CARVALHO, A., SALLES, F. e GUIMARÃES, M. (orgs.) *Desenvolvimento e Aprendizagem*. Belo Horizonte, Ed. UFMG, 2002, p.77-88
- FARIA, E. L.; FONTES, J. C. M. Os jovens e a produção do futebol na cidade: apropriações, sociabilidades e aprendizagens. In: DEBORTOLI, J. A.; MARTINS, S.e MARTINS, M. F. A. (orgs) *Infâncias na metrópole*. Belo Horizonte: Ed. UFMG. 2008. 205 p. p 147-174.
- GOMES, A. M. R.; GOUVEA, M. C. S. A criança e a cidade: entre a sedução e o perigo. In: DEBORTOLI, J. A.; MARTINS, S.e MARTINS, M. F. A. (orgs) *Infâncias na metrópole*. Belo Horizonte: Ed. UFMG. 2008. 205 p. p 47-70.
- MAGNANI, J. G. C. Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia. In: MAGNANI, J. G. C. e TORRES, L. L. (orgs) *Na metrópole: textos de antropologia urbana*. São Paulo: USP, Fapesp, 1996
- MATOS, A. T de A. Lazer e educação física: um estudo da construção e apropriação de saberes e praticas a partir da experiência esportiva na infância. In: *Licere*, Belo Horizonte, v.10, n.3, dez/2007, p.1-35.
- PINHEIRO, A. A. A. A criança e o adolescente como sujeitos de direitos: emergência e consolidação de uma representação social no Brasil. In: CASTRO, L. R. (org.) *Crianças e jovens na construção da cultura*. Rio de Janeiro: Nau/Faperj, 2001.
- SARMENTO, M. J. Imaginário e culturas da infância. In: *Cadernos de Educação*, FaE/UFPel, Pelotas vol 21, p. 51-69, jul/dez 2003.
- SARMENTO, M.J. O estudo de caso etnográfico em educação. In: ZAGO, N e cols. *Itinerários de pesquisa: perspectivas qualitativas em sociologia da Educação*. RJ, DP&A, p. 137-182, 2003a.

SILVA, A. B. e CHAVEIRO, E. F. O jogo de bola: uma análise socioespacial dos territórios dos peladeiros. Pensar a Prática, ano 10, vol. 1, jan/jul 2007, p.1-14

Endereço:

Rua Lorena 711 Padre Eustáquio

Belo Horizonte – MG 30730170

jcmfonte@yahoo.com.br.

Pesquisa em desenvolvimento no Programa de Mestrado em Lazer da EEEFTO/UFMG sob orientação do Prof. Dr. José Alfredo de O. Debortoli.